

Pesquisa socioanalítica

Socioanalytical research

MARILIA NOVAIS DA MATA MACHADO *

O artigo expõe alguns dos diferentes usos do termo «socioanálise» em Ciências Sociais e propõe a «pesquisa socionálítica». Apresenta definição desta pesquisa, sua fundamentação teórica, seus pressupostos básicos, mostra o seu aspecto transformador, suas propriedades e o uso que faz de conceitos. Aponta para a utilização de dispositivos analisadores na pesquisa socioanalítica e, finalmente, cita dois trabalhos que usaram este referencial.

O termo socioanálise já vem sendo utilizado em Psicologia há algumas décadas, em analogia ao termo psicanálise. Trata-se da análise do social.

O termo designou a prática conduzida por Elliot Jaques (1951), na Inglaterra, na década de 40, em uma fábrica de processamento de metais (Glacier Company). Ligado ao Tavistock Institute, Jaques era um psicanalista e foi com uma postura psicanalítica que, por mais de vinte anos, analisou resistências à mudança, esclareceu e facilitou a expressão de sentimentos, interpretou e trabalhou problemas daquela organização.

* Professora do Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG.

Na França, o termo foi empregado por M. J. Van Bockst le, na década de 60, segundo nos relata Ardoino (1967, p. 212). Designou um movimento e uma prática de pesquisa e intervenção sócio-econ mica em grupos naturais. No início dos anos 70, R. Lourau (1975) e G. Lapassade (1971, 1972), no bojo do movimento institucionalista, que questionou a prática e a própria existência de instituições pedagógicas, hospitalares e outras, formularam a análise institucional, que é uma teoria das instituições. A prática da análise institucional, deram o nome de socioanálise.

A teoria de análise institucional é sugestiva tanto para a prática quanto para a pesquisa socioanalítica, que são atividades interrelacionadas. A teoria merece, pois, uma menção cuidadosa: Lapassade e Lourau tomaram o conceito de instituição dialeticamente em três momentos: universalidade, particularidade e singularidade.

O momento da universalidade é aquele em que o conceito é abstrato, absolutamente verdadeiro e universalmente aceito. Apenas neste momento, podemos dizer: a universidade é uma instituição de educação, a fábrica uma instituição de produção e o hospital uma instituição de cura. Universidade, fábrica e hospital são socialmente instituídos para a educação, a produção e a cura, respectivamente.

No momento da particularidade, o conceito   esfacelado em seus infinitos particulares concretos, fotograf veis. É o momento da negação da universalidade que nos permite ver, por exemplo, que a universidade   também uma instituição de produção (de diplomas, artigos e cafezinhos) e de controle (de alunos e de funcionários), ou que a fábrica   também uma instituição de educação (pelo trabalho) e de controle (de produção

e de operários). Pessoas e serviços inseridos nas instituições mantêm com elas elos particulares, relações de trabalho, sociais, políticas e ideológicas próprias.

O momento da singularidade corresponde ao momento da negação da negação, isto é, aquele em que as particularidades institucionais são negadas e a organização funcional é recuperada, com seu objetivo privilegiado — educação, produção, controle — e também com suas normas, objetivos, organogramas, funções, valores. Aqui o conceito de instituição é também concreto e fotografável: o momento da singularidade nos remete a um substrato material (prédios, papéis, utensílios, etc.).

Lapassade e Lourau observaram que a sociologia das organizações ateu-se ao momento da singularidade e que, portanto, reificou seu objeto de estudo. De fato, a sociologia e a psicologia social das organizações tomaram a forma institucionalizada pela instituição, perderam a dinâmica própria à vida institucional e obtiveram apenas descrições estáticas de organizações. É no momento da particularidade, nos atravessamentos sociais, políticos, econômicos, culturais, etc. que se deve buscar a dinâmica: naqueles aspectos instituintes, irremediavelmente presentes nas instituições.

A pesquisa socioanalítica privilegia particulares instituintes. Está interessada em estruturas, mas quer sobretudo descobrir a dinâmica do social, responsável pelas estruturas. É uma práxis que, longe de sair cegamente à caça de particulares concretos, nutre-se de uma teoria do sujeito (psicanálise), de uma teoria do social (materialismo dialético), de uma teoria da instituição (análise institucional) e de uma posição política explícita (autogestão). Longe também de se ater a um freudo-marxismo acabado (se isto é possível existir), constrói teoria no próprio trabalho de pesquisa e transformação.

A pesquisa socioanalítica aceita alguns pressupostos básicos e tenta ultrapassá-los no trabalho de socioanálise:

1. Pressuposto do não-saber do cientista com relação a sua própria posição na estrutura social e sua posição com relação ao pesquisado.
2. Pressuposto da implicação do pesquisador com o pesquisado, isto é, pressuposto de que o pesquisador mantém com o pesquisado relações de transferência.
3. Pressuposto da transversalidade da estrutura social (de classes, estratificada, hierarquizada; centralizada e burocratizada) no pesquisador e no pesquisado.
4. Pressuposto da autonomia, isto é, pressuposto de que o pesquisado é regido por um princípio dinâmico de auto-organização, que lhe permite sempre auto-renovação (é da «natureza» não uma heterorganização — dependente, hierarquizada, burocratizada, etc — mas uma dinâmica autorganizante, instituinte).
5. Pressuposto da impermanência das estruturas sociais que se transformam continuamente; não há formas estáticas. Nos termos de Heráclito de Éfeso (540-480 A.C.), tudo existe em constante mudança; o conflito é o pai e o rei de todas as coisas; tudo flui.

A pesquisa socioanalítica é transformada. O pesquisador assume **a priori** que é impossível realizar a pesquisa sem mudar o pesquisado.

O pesquisado surge na complexa teia de interrelações criada pelo pesquisador, suas ações e suas medidas. Não há propriamente um «objeto» de pesquisa a ser observado, pois as propriedades do «objeto» só possuem um significado no contexto de sua interação com o «observador» e seus métodos de questionamento. Consciência e inconsciência, saber e não saber do pesquisador

atuam no processo socioanalítico. O «observador» é forçosamente participante. Suas medidas e observações alteram o «observado», que deixa, portanto, de ser uma «coisa observada», para ser um evento, uma atividade pesquisada, cuja dinâmica se pretende conhecer.

Em consequência, são propriedades da pesquisa socioanalítica a implicação do pesquisador, suas posições no social e suas relações de transferência e contratransferência com os eventos pesquisados. Tais propriedades são colocadas no campo da análise.

A pesquisa socioanalítica tem, como a pesquisa sistemática, uma base conceitual. Conceitos em si, entretanto, são considerados relativos, ilusórios, aproximações da realidade, criações da mente. A construção de conceitos é como a construção de um mapa geográfico, isto é, uma aproximação imperfeita e provisória do território real, não alcançável intelectualmente. Conceitos são vistos também como convenções estabelecidas com base na linguagem convencional (felizmente também convencionalizante). Por ser limitada às palavras e explicações, qualquer rede conceitual é assim incapaz de abranger a totalidade do real.

Na pesquisa socioanalítica, introduz-se a tentativa de alcançar a transitoriedade, a constante mudança, a impermanência (de alguma entidade fundamental subjacente?). Conceitos são, portanto, dialéticos, compreendendo três momentos (hegelianos): universalidade, particularidade e singularidade.

É especialmente importante, na pesquisa socioanalítica, o momento da particularidade, do instituinte. Os eventos, que ocorrem por causa ou apesar do pesquisador analista, são os desveladores da dinâmica do social, do desconhecido a ser descoberto na pesquisa.

A fim de provocar eventos desveladores do social, o pesquisador socioanalista cria dispositivos analisadores,

isto é, dispositivos que permitem «revelar a estrutura da organização» (instituição, comunidade, grupo), «provocá-la, forçá-la a falar». (Lourau, 1975, p. 284). G. Lapassade e R. Lourau, criadores da socioanálise como prática institucional, sugerem como analisadores a análise da demanda, a autogestão, a regra de tudo dizer, a elucidação das transversalidades e a análise da transferência e da contratransferência institucional (1972, p. 170-3). Em 1971, Lapassade retoma a noção no livro **O analisador e o analista**.

São analisadores privilegiados da dinâmica e da estrutura do social as relações de dinheiro, de classe, cor, sexo, idade, etnia, hierarquia. No processo de pesquisa, o pesquisador está atento aos analisadores naturais e espontâneos que surgem repentinamente: eles devem ser «agarrados», trabalhados, esclarecidos, facilitados, interpretados, enfim, analisados. A figura do analisador aparece, na situação analítica, como o «gênio malicioso» (semeador da dúvida radical), o «espírito do mau», o «burro de carga», o «bode expiatório», a «ovelha negra», o «desmancha-prazeres», o «pândego do bando», o especialista da «zombaria», o «maníaco do espírito de contradição» (Lourau, 1975, p. 284).

O pesquisador socioanalista constrói, também, dispositivos analisadores. E aqui a pesquisa sistemática tem muitas contribuições a dar. Entrevistas, questionários, filmes, fotografias, redações, relatórios de pesquisa são dispositivos analisadores construídos, de grande valia.

Cabe ainda citar dois trabalhos de pesquisa socioanalítica realizados entre nós. Um deles foi sobre a formação do psicólogo na UFMG,¹ que desvelou a dinâmica

1. Ver: GIUSTA, A.S. e MATA MACHADO, M.N. Formação do psicólogo na UFMG. Belo Horizonte, CNPq, FAFICH, FAE, 1983 (relatório de pesquisa) GIUSTA, A.S.; MATA MACHADO, M.N. & CAMPOS, R.H.F. Notas

própria ao curso e ao departamento de Psicologia da UFMG; o segundo foi o estudo da gênese e desaparecimento da rede de bibliotecas da Amazônia,² no qual a análise das transversalidades permitiu uma compreensão do fenômeno.

The article analyses some different uses of the term «socioanalysis» in Social Sciences and discusses «socioanalytical research». It defines this research its theoretical foundations, its basic assumptions, points to its transforming potential, its characteristics and its conceptual scope. It describes analytical devices in socioanalytical research and, finally, it refers to two works which have utilized this theoretical framework.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARDOINO, J. **El grupo de diagnóstico: instrumento de formación.** Madrid, Rialp, 1967.
- JAQUES, E. **The changing culture of a factory.** London, Tavistock Publications, 1951.
- LAPASSADE, G. **L'analyseur et l'analyste.** Paris, Gauthier-Villars, 1971.
- LAPASSADE, G. & LOURAU, R. **Chaves da Sociologia.** Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1972.
- LOURAU, R. **A análise institucional.** Petrópolis, Vozes, 1975.

sobre a «Formação do psicólogo na Universidade Federal de Minas Gerais». **Cadernos de Psicologia** — UFMG Belo Horizonte, 3 (1): 77-101, 1986.

2. Ver: LOUREIRO, M.C.G. **Rede de bibliotecas da Amazônia (REBAM): da gênese ao desaparecimento.** Belo Horizonte, UFMG, Escola de Biblioteconomia, 1985. (Tese de mestrado).